



O domínio técnico do Militar de Operações Especiais no combate próximo

Introdução

O atual Ambiente Operacional (AO) desvaloriza as grandes guerras convencionais, cujo objetivo é a disputa de terreno entre duas facções com potencial e táticas conhecidas pela ciência militar, e obriga a confrontos cada vez mais incertos no seio de uma população que acolhe uma ameaça sem “rostro”, mas que é necessário preservar, prevenindo danos colaterais.

Neste AO e no que se refere à resposta face às novas ameaças, há que dar ênfase a dois fatores cruciais. Um diz respeito ao facto de haver uma ampliação do “espaço” onde se desenrola a operação, passando a informação a assumir um estatuto relevante ao nível estratégico e a contribuir significativamente para o nível tático. Por outro lado, deve considerar-se a dimensão do terrorismo sem limites éticos e o seu carácter predominantemente assimétrico.

A natureza das designadas novas ameaças determinam um AO que condiciona de forma preponderante a seleção da tipologia de Forças,

emergindo a necessidade de as adequar com conhecimento e tecnologia para mitigar as dificuldades da sua correta identificação, caracterização e localização, bem como os riscos como resultado das suas ações.

É por esta assimetria que se caracteriza o atual AO e que devido às suas condicionantes trouxe novidades às estruturas militares e, consequentemente, obrigou à reestruturação da sua doutrina e alteração das Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) em combate, de tal forma que o conceito de segurança e defesa tem sido alargado, atribuindo novas missões às Forças Armadas.



Fig.1 – Operadores da Unidade Tarefa de Operações Especiais (UTOE) A2, em missão de Reconhecimento Especial



Fig. 2 – Operador da UTOE A2, em treino de Tiro Tático



Fig. 3 – Operador da UTOE A2, em treino de Tiro Tático

As Forças de Operações Especiais (FOEsp) apresentam-se como um meio altamente eficaz para lidar com esta ameaça que se infiltra, mistura e ataca uma sociedade e que face aos resultados das suas ações tende a tornar-se caótica. Estas FOEsp, para serem bem-sucedidas em missões mais complexas, têm de garantir habilidades ímpares na manipulação das suas armas aos seus Operadores, mas também, a capacidade de combaterem sem o uso das mesmas. É assim que nasce o “*Close Quarters Concept*”.

Devido às condicionantes apresentadas anteriormente, o simples facto de uma ameaça atuar em espaços pequenos, altamente cirúrgicos, onde o sucesso das suas ações é conseguido pelo elevado número de danos colaterais como resultado de um ato terrorista, as FOEsp têm de ser experts neste ambiente. No universo do *Close Quarters Combat* (CQC) encontramos três áreas distintas, mas que se sobrepõem naquilo que é o resultado pretendido a nível técnico-tático de um Operador (Expert em Operações Especiais). São elas: *Close Quarters Battle* (CQB); *Close Quarters Shooting* (CQS) e *Close Quarters Confrontation* (CQConf).

Close Quarters Battle

Velocidade, Agressividade, Surpresa e Precisão da Força Letal, são as características de um confronto em CQB, confrontos estes, que se caracterizam pela sua extrema brutalidade e rapidez com que ocorrem, portanto com um tempo de reação muito reduzido. Estes ambientes são, na sua maioria, de elevada complexidade de atuação devido à sua própria organização estrutural e, consequentemente, derivado do nível de risco que aumenta consideravelmente para quem opera neste tipo de ambientes.

Indivíduos com características inatas que lhes permitem encarar as situações de alta tensão de uma forma “descontraída” mesmo que implique risco de vida, são o alvo preferencial de quem seleciona Operadores. Estes, os protagonistas das intervenções táticas, sujeitam-se a um elevado grau de seleção onde têm de provar um elevado nível de concentração, disciplina e perspicácia, a par da sua elevada qualidade técnica e gestão do stress, resultado da violência do combate.

A metodologia de treino imposta a estes operacionais é bastante realista, intensiva, metódica e diversificada. A diversificação de treino passa pela manipulação das suas armas, utilização de explosivos, abordagem técnico-tática de pontos de entrada, técnicas de progressão e invasão de estruturas edificadas e velocidade no tiro de precisão a curta distância. Este processo de aprendizagem é um processo moroso e contínuo, pois deve acompanhar o Operador ao longo da sua vida operacional.

Close Quarters Shooting

Gunfighter é o nome vulgarmente atribuído ao indivíduo que tem conhecimento e aptidão para efetuar tiro em combate.

Torna-se especialista no manuseamento das suas armas, todo o Operador que treina constantemente de forma repetida e exaustiva até adquirir perícias únicas e instintivas, mas para isso tem de seguir os passos certos, e não falhar nenhum. Começamos pelo primeiro passo, o que consideramos o mais básico e fundamental sobretudo por ser, infelizmente, mal utilizado por muitos: Tiro de Combate vs. Tiro Tático.

O conceito de Tiro de Combate subentende o tiro realizado em condições muito especiais, apenas proporcionadas pelo ambiente de guerra ou de conflito armado, que coloca o militar em condições físicas e psicológicas difíceis, pois tem de decidir entre matar e não morrer. O Tiro de Combate é, portanto, todo o tiro realizado num ambiente de guerra e que vai desde o tiro realizado num abrigo de uma posição defensiva até ao tiro de realizado por uma força de determinado escalão, por exemplo uma Equipa de Operações Especiais em contacto com a ameaça.

Como já foi referido, o Tiro de Combate deve ser a designação correta para referir genericamente todo o tiro realizado pelo militar em contexto de combate efetivo.

O conceito de Tiro Tático defende que são todas as sessões de tiro realizadas em contexto de treino, orientado naturalmente de uma forma evolutiva, tentando simular o mais possível as várias situações que poderão ser vividas pelo militar num ambiente de guerra ou conflito armado. Para retirar o melhor rendimento do



Fig. 4 – Operador da UTOE A2, em treino conjunto de CQB com unidade SOF Lituana



Fig. 5 – Operador da UTOE A2, em treino de Tiro Tático no interior de viaturas



Fig. 6 – Operador da UTOE A2, em treino de Tiro Tático



Fig. 7 – Operadores da UTOE A2, em treino de CCC



Fig. 8 – Operadores da UTOE A2, no exercício de demonstração de capacidades a S.Ex. Sr. Presidente da Republica

militar no Tiro Tático, é necessário que passe, obrigatoriamente, por várias fases: Teoria de Tiro, onde serão transmitidos todos os fundamentos de tiro; Treino de “Tiro em Seco”, onde o militar melhorará as suas *skills* e adquirirá memória muscular para reagir de forma instintiva a determinadas situações que poderão surgir em combate; Tiro de Precisão, onde o militar aplicará todos os elementos abrangidos na fase da Teoria do Tiro e eliminará todos os erros possíveis entre operador-arma. Nesta última fase não se prevê stress no militar, mitigando assim a probabilidade de haver erros de origem exterior.

O Tiro Tático deve ser iniciado após ser atingido um bom nível de tiro preciso e consistente. Na fase inicial, o Tiro Tático deverá ser individual, mas depois deve evoluir para uma fase de trabalho coletivo, obedecendo à regra do trabalho em parelha, evoluindo para a equipa e terminando com a atuação de Unidades de maior número (e.g. *Task Units*). Nesta fase de tiro não devemos esquecer a aplicação do tiro a várias distâncias, alturas diferentes, posições não standard, em plataformas diversas, tiro estático e tiro em movimento, tiro em condições de visibilidade reduzida, tiro sem/com auxílio de aparelhos de aquisição/identificação de alvos.

A aplicação destas técnicas é um processo complexo, que transformará o militar num Operador, possui-

dor de elevado nível de autocontrolo emocional sob stress, onde exige decisões rápidas, reflexos incondicionados, tiro de precisão sem danos colaterais e trabalho de equipa num nível considerado de excelência.

A eficiência neste tipo de combate traduz-se pelo número de tiros precisos e só se pode ter garantias de sucesso se existir um treino eficaz que permite ao Operador prever o local da ameaça, reagir rápido e violentamente e decidir se deve ou não atirar de acordo com a leitura das regras de empenhamento para a operação.

Close Quarters Confrontation

Resposta Explosiva e Letal são características desta vertente.

No vetor de confronto próximo (CQCon) pretende-se desenvolver as capacidades motoras do militar, bem como, despertar os sentidos que originam o reflexo. Atribuir a cada elemento sentido defensivo e estimular o sentido ofensivo que, naturalmente, é ausente à maioria dos militares iniciantes, mas que deve estar latente nos Operadores. Este vetor está subdividido em técnicas de Combate Corpo a Corpo (CCC) e técnicas de Defesa Pessoal (DP). Com o CCC procura-se, através da utilização de várias técnicas de combate, desenvolver a

coordenação motora do militar para superar, com inteligência e técnica, as variáveis de uma possível agressão de contacto violento. Esta subfase visa expulsar o receio, desenvolver a condição física, a coragem, a combatividade e o controlo de movimentos, resultando no total equilíbrio da mente e do corpo.

Com a DP procura-se capacitar o militar a defender-se de adversários, armados ou não, através dos seus membros e/ou com auxílio de armas ou objetos, sem especial propósito. Ensina-se ao militar um conjunto de pontos críticos no corpo do oponente que, juntamente com técnicas simples, vão aumentar as suas capacidades no combate desarmado. Esta subfase procura desenvolver capacidades como a adaptabilidade, a autoconfiança, o reflexo e a velocidade do militar.

Conclusão

Considera-se o domínio técnico do tiro a curta distância e as *skills* no combate desarmado como sendo o “Bisturi” da resolução da tipologia de missões que requerem a atuação de “Experts em Operações Especiais”, reconhecidos na dimensão SOF (*Special Operations Force*) por “Operators”.

Autor: Cap Miranda